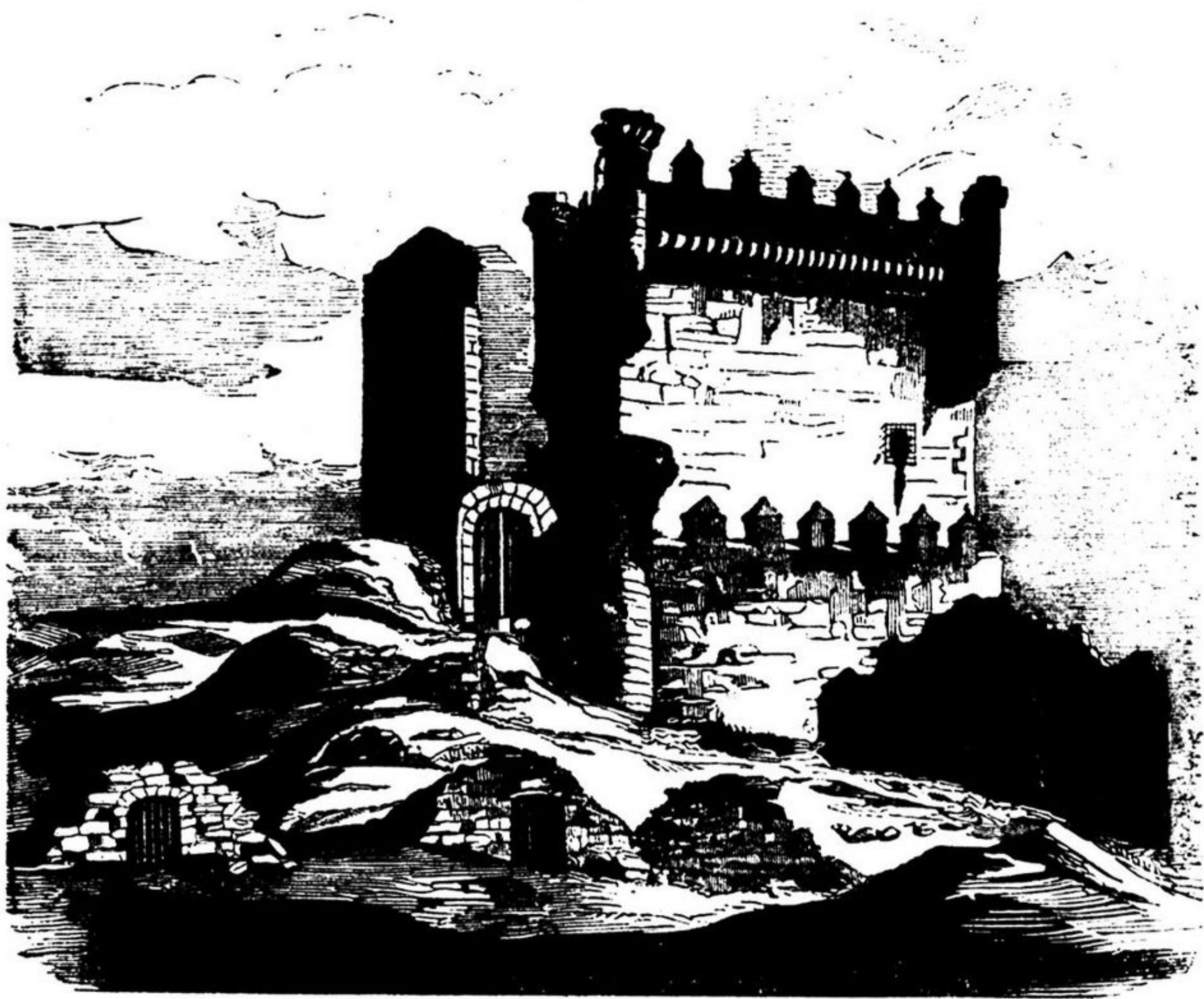




HESPAÑHA — CASTELLO DE BELMONTE.

O famoso D. Pelayo e seus valorosos successores, desde que começaram de alargar á ponta da espada as fronteiras da sua renascente monarchia, dedicaram-se com o maior disvelo a estabelecer uma como rede de postos fortificados, que ao mesmo tempo, que eram ponto de operações bellicas, serviam a segurar e a pôr a coberto de qualquer surpresa o paiz reconquistado.

Similhante systema tornava-se de manifesta utilidade n'uma epocha em que ainda não se cuidava de sustentar exercitos permanentes, e em que a difficuldade das communicações isolava as povoações umas das outras. Os rios, as montanhas, todos os accidentes topographicos eram assim aproveitados e cobertos de castellos e torres.

O castello de Belmonte, situado ao sudoeste da villa do mesmo nome, em Hespanha, pertence a esse antigo systema de defeza. Parte demolido, graças ao abandono a que foi condemnado, o castello de Belmonte attrahe ainda hoje a attenção do viajante pelo aspecto austero de suas ruínas, e pela elegancia e robustez das peças que puderam resistir á acção dos seculos. Consta apenas de uma torre singela, coroadade ameias, e flanqueada nos angulos de pequenos baluartes de forma circular, tambem graciosamente ameitados. Da esplanada superior, á qual se sobe por excellente escada de caracol, disfructa-se grande porção de aprazivel territorio.

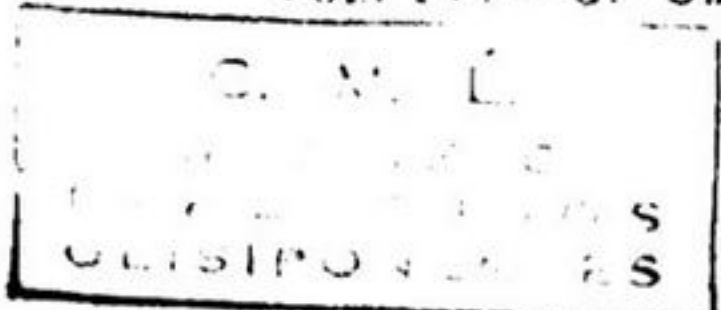
O castello de Belmonte, a que mais pertence o no-

me de torre de atalaia, assim pela sua posição, como pelas suas pequenas dimensões, pois apenas occupa um espaço equivalente a dous mil pés quadrados, aproximadamente, comprehendia entretanto no seu recinto tres prizões subterraneas, e os quartéis sufficientes para a respectiva guarnição, que aliás não devia ser mui numerosa. D'esses quartéis já não existem senão os escombros.

Entretanto pode dizer-se que o pequeno castello de Belmonte é um curioso monumento da architectura militar de duas epochas distinctas; por quanto a parte inferior da torre é decididamente gothica; e a parte superior data do principio do seculo XVI.

Pertencia o castello de Belmonte á casa senhorial dos Manueis. Terminada porém a guerra das comunidades, e sendo obrigados os ricos-homens a residir na corte, foi abandonado. A consequencia vemol-a nós. Do roqueiro castello, que ainda hoje ostenta orgulhoso alguns de seus baluartes, em breve talvez não reste senão um montão de ruínas!...

Ruínas desoladas são tambem tantos outros castellos, que povoavam outr'ora o solo da península! Pretender que se mantivessem todas as obras de similhante natureza, inuteis no estado de aperfeiçoamento em que se acha a arte da guerra, seria uma loucura: porém quizeramos ao menos que os que se recommendam altamente pela sua antiguidade, ou belleza architectonica não se deixassem cair em completo abandono.



ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO-VERDE.

Os romances licenciosos. — O jogo e a murmuração, passatempos de Bissau. — George Sand, e Margarida Fuller. — Os jornaes. — O casamento dos papeis. — A lua e os selvagens. — As ruínas. — Hó loló culumbé. — Amor e amor. — O casamento catholico.

Já ia muito adiantado o primeiro quartel da noite quando vieram avisar Kiangi que era tempo de dar principio á cerimonia, que se havia de ultimar d'ali distante, e convinha que o fosse antes que das margens do Mansoa (1) se erguessem, como um bando de almas de finados, vagabundas, arrastando seus *lançons* brancos, as neblinas enregeladas, que surdem a meio da noite, e que caminham lentamente para os campos apaulados, envolvendo-se mais e mais, á proporção que se adiantam, nos vaporosos mantos, que vão estendendo sobre as *alaganças*, até que os puxam por toda a athmosphera, como uma longa mortalha que cobre a terra; e que só pouco a pouco se vae desfazendo assim que dão oito horas da manhã, quando o sol é bastante forte para a rasgar em bocados, que ainda ficam por algum tempo estendidos ao longo dos montes, ou pendurados aos ramos das arvores.

Apenas a noiva se tinha ataviado com braceletes, collares, pulseiras, e outros adornos proprios do seu sexo, chegou o noivo com o sequito de seus parentes e amigos para conduzir Kiangi ao lugar do sacrificio em que se havia de verificar a sua união. Então a noiva saiu tambem com a sua parentella e amigas, e todos juntos seguiram em silencio até á baloba, (2) onde se degolou uma gallinha branca e um cabrito preto ao Hiram (3) da tribu, ou reino, pedindo-lhe ao mesmo tempo a balobeira (ou sacerdotisa) que acceitasse e guardasse as manilhas de ferro, que os noivos levavam nos pulsos, e que, depois de terem trocado, offereceram ao deus.

Estas ceremonias eram acompanhadas de muitos tiros de espingarda, pois havia ali muitas, e tambem boa porção de polvora ingleza e americana; e concluidas que foram, começaram de tocar algumas duzias de *bombolons*. No meio de todo este arruido seguiram todos para a cabana dos noivos, que havia poucos dias se tinha acabado, e de que passavam a tomar posse.

Quando os noivos retiravam da baloba para a habitação em que se ia estabelecer uma nova familia, habitação que segundo os costumes d'este povo tinha sido construida pelo trabalho e donativos de todos os parentes de Ondotó; passou o prestito por um sitio á aproximação do qual se fez o maior silencio, que só era interrompido pelo som surdo d'uma multidão que se move. Ondotó parou, e caiu em profunda meditação. Seu rosto, ainda ha pouco illuminado pelo jubilo, pelo amor, e por esperanças bem ardentis, cobriu-se de tristeza; seus braços encruzaram-se sobre o peito, a cabeça debruçou-se sobre elle como que por não poder com o pezo das melan-

1. Nome de um rio, que pela situação que lhe marcam, supponho ser o mesmo que nas cartas portuguezas se chama Eim-nal.

2. Cabana que serve de templo ao Hiram, espirito, ou deus principal, que preside a tudo. Assim mesmo entre os selvagens a religião santifica estas uniões, de que procede a familia, quando se formam com esse intuito, e não por mera devassidão.

3. Nome d'esse espirito, ou deus, a quem nas occasiões importantes se offerecem sacrificios, não só de mantimentos, mas tambem de animaes, volateis ou quadrupedes, com tanto que sejam de cores oppostas, isto é, que as aves sejam brancas quando os quadrupedes forem pretos, e vice versa.

colicas recordações que a carregavam; e Kiangi, que estava ao seu lado, que o cobria com seus olhares apaixonados; assevera que o viu chorar, que uma lagrima fervendo ao fogo de uma febre interior lhe es-caldou a mão, com que procurava arrancar-o do pe-go de suas sombrias cogitações. O joven papel apertou com a esquerda a mimosa mão de sua noiva, e levou a direita até á testa, abaixou-a até o estomago, e depois erguendo-a á altura do hombro esquerdo, em que roçou, a passou ao direito, dizendo umas palavras inintelligiveis, a que se seguiu este apostrophe: *Oh! estes brancos, estes brancos! sempre são bem maus, ou bem bestas!*

Os raios da lua, atravessando com custo os vaporosos flocos da neblina que de minuto para minuto se condensavam mais, e já similhavam pastas de algodão cardado, espalhadas sobre o cimo das arvores, caíam frouxos e tremulos a prumo em cima de uns escombros.

Flanqueada por alguns lanços do edificio, que estavam de pé, no meio das ruínas amontoadas pelo chão, como se quizessem, antes de caírem vencidos pelo tempo, dar testemunho, n'aquella hora solenne, contra a sacrilega indiferença de homens que se dizem christãos; flanqueada por estes accusadores ter-riveis na sua mudez, via-se ainda a cruz de pedra, que coroava um resto do frontispicio da igreja, como o ultimo brado de angustia da civilisação christã, perseguida pela indiferença da còrte, e pelo paganismo de seus agentes.

Mais abaixo estava aberta a toda a violencia dos furacões uma janella, a que o impeto furioso dos mesmos tinha arrancado as umbreiras; e meio atulhado com os cascalhos via-se o antigo portão, junto do qual se balouçavam mollemente os cardos, como se fossem as almas dos fieis ali enterrados que pediam suffragios aos que ainda viviam, e os conjuravam para que não deixassem que os seus ossos fossem profanados pelo pé dos adoradores dos fetiches.

Mas a quem pediam elles isso? a homens sem alma, em quem já se tinha apagado, com a religião, o amor da patria, a fé nas suas virtudes, e até o interesse e o cuidado da propria conservação; a homens que não conheciam mais nada, e que não queriam mesmo conhecer outra cousa mais do que os quilates do ouro, o valor d'uma peça de zuarte, ou d'um galão d'aguardente, vendido aos papeis.

Ao pé viam-se aqui e ali, como sentinellas em meio de seus camaradas dormindo pelo chão, restos de muros, uma parte dos quaes formava monticulos cobertos de lacacão e outras plantas rasteiras, ao passo que outros inclinavam-se para a terra como se estivessem desfallecendo, e quasi rendidos pela fadiga. Estes restos eram da cêrca do convento, cujos pacificos habitantes tinham saído, já para a morada dos justos, depois de uma vida cheia de boas obras e de actos do mais puro patriotismo, já para tomarem o caminho de Portugal, minados pelos estragos de successivas carneiradas! Dentro do recinto ainda se encontravam algumas laranjeiras e limoeiros, papaeiras, goiabeiras, e os troncos já nús e seccos de algumas arvores fructiferas da Europa. A desolação era immensa.

Hoje não se vê já nada de tudo isto, nem ao menos signal de que existia; mas ha doze annos, quando para aqui vim, ainda se descobriam, posto que com algum trabalho, os vestigios d'esta morada da paz e da protecção para os europeus, da providencia e da caridade para os papeis. Maldicção sobre os auctores de tantos males!

Ao sair da sua meninice, Ondotó tinha achado no convento affeição, cuidados, e um principio de educação: os frades que o conheciam intelligente esperavam convertel-o ao catholicismo, cujas solemnidades o captivavam e enterneciam, e cujas doutrinas o encantavam. Era a esse principio de educação que Ondotó devia muitas de suas qualidades, e o nome que lhe davam de José. Assim se explica a razão por que elle chorou sobre as ruínas causadas pelos vândalos da civilisação bastarda, e do philosophismo; e a do signal que elle fez ao avistar estas ruínas. Benzeu-se, porque vira muitas vezes os frades benzerem-se quando alguma cousa os affligia.

O prestito poz-se de novo a caminho, mas silencioso como um saímento dos christãos. Foi agouro?

Quando chegaram á cabana, todos se retiraram, deixando sós os noivos.

Ao alvorecer do outro dia, toda aquella multidão cercava a residencia de Ondotó, mas só as mulheres entraram. Os homens ficaram em magotes do lado de fóra n'esse estado de agitação e como de susto, que precede algum grande acontecimento, que se teme, e não deseja.

As mulheres penetraram na alcova nupcial; o que lá fizeram não pode aqui dizer-se. É bastante que se saiba que foram verificar se a noiva era bajude: a pobresinha sujeitou-se ao barbaro costume, contra o qual se revoltava debalde o seu pudor feminil... Concluida a cerimonia, saíram em gritos e uivos, clamando com todos os signaes de uma alegria frenetica: *ho loló culumbé*; como se dissessem: a noiva é digna de seu esposo; será premiada com um filho varão. No mesmo instante dispararam-se todas as espingardas, como se fosse uma descarga de alegria; e por grande espaço de tempo continuaram os tiros e os gritos, acompanhados de cantigas e batuques. Entraram então os presentes do noivo, que consistiam em pannos de Geba, e de Goréa e Cabo Verde, manilhas, contaria, alambres, coraes, e até alguns anneis da costa (1) para seu adorno: d'isto e da cabana tomou Kiangi a usada posse, entrando e saindo pelas portas, correndo os quartos, e pondo as mãos sobre tudo o que estava dentro da casa, e que passava a pertencer-lhe. Tambem se preparou o banquete, com o que e o batuque se passou até alta noite. Os mesmos divertimentos continuaram ainda nos dous dias seguintes.

(Continua).

J. M. SOUSA MONTEIRO.

NAVEGADORES PORTUGUEZES.

VIII.

(1520 a 1550).

No anno de 1520 começaram as empresas maritimas do celebre Vasco Fernandes Cesar contra os piratas da Barberia, de quem foi, por muito tempo, o terror e açoute. (2) Em 1521, ultimo anno da vida d'el-rei D. Manuel, saíram de Lisboa grossas esqua-

dras em differentes direcções. Simão da Cunha, com dez navios grandes, cruzava no estreito de Gibraltar e costa d'Africa; D. Duarte de Menezes, nomeado governador da India, partia para o Malabar com onze naus, e levava mais quatro de conserva até Cochim, para d'ahi seguirem o rumo da China; Sebastião de Sousa, com duas naus, navegava em demanda da ilha de S. Lourenço, para ahi levantar uma fortaleza; e uma armada de dez naus, dous galeões, quatro galés, uma caravela, uma fusta e um transporte, commandada pelo conde de Villa Nova, transportava a Niza a infanta D. Beatriz, que ia casar com o duque de Saboya. A capitanea era a nau *Santa Catharina do Monte Sinay*, de 800 toneladas; levava por mestre Pedro Cavarca, e patrão-mór Simão Vaz, habéis marinheiros; nem dos pilotos, nem dos mestres das outras naus achámos memoria; entre os capitães encontram-se nomes assaz conhecidos: além de Fernão Peres, que já mencionamos, (1) iam na armada D. Pedro Mascarenhas, que depois foi vice-rei da India; o filho do grande Affonso d'Albuquerque; o primogenito de D. Vasco da Gama; o marechal D. Alvaro Coutinho; D. Francisco de Castello Branco, e o arcebispo de Lisboa D. Martinho da Costa. O conde general levava na esquadra 4 filhos, 3 genros, e 3 netos!...

O reinado de D. João III, que succedeu a D. Manuel, ainda foi glorioso para a marinha; construíam-se naus cada vez maiores, porém a ambição de as sobrecarregar além de todos os limites, deu causa a repetidos sinistros. (2) O numero dos piratas estrangeiros tambem cresceu muito, principalmente nos portos e costa do Brazil, quando esta colonia começou a ter importancia, já em tempo do novo monarcha. Entretanto os nossos capitães, soldados e maruja faziam as costumadas proezas no Oriente, e adquiriam um eterno renome na historia, em quanto as maldições caíam sobre os pilotos, mestres e contramestres, a quem os chronistas attribuem quasi sempre a perda dos galeões, com o que muitas vezes concordaram os juizes, fazendo subir ao cadafalso, ou condemnando a degredo e a galés varios officiaes de mar. Não lembraram para tomar o seu quinhão na gloria dos descobrimentos, gloria tão sua, mas pezam com a responsabilidade dos naufragios...

Et voilà comme on écrit l'histoire!

«As sciencias nauticas e as artes de construcção e apparelho parece que ficaram estacionarias n'este reinado,» diz Quintella, invocando o testemunho de Manuel Severim de Faria. E comtudo o cosmographomór do reino era então Pedro Nunes, o inventor do *Nonius*, importante aperfeiçoamento applicado aos instrumentos astronomicos, e inventor tambem do *annel graduado*, que substituiu com vantagem o astrolabio.

Continuando a exploração das ilhas da Oceania pelos portuguezes, que já tinham estabelecimentos em Tidore e Ternate, e commerciavam com Borneo, Banda, as Celebes e as Filippinas, tiveram os nossos a primeira lembrança de formar uma quinta parte do mundo com estes archipelagos, a qual chamaram *Asia insular* (hoje *Oceania*) dividindo-a em cinco provincias ou regiões, a saber: *Maluco*, *Amboino*, *Moro*, *Papuas e Celebes* ou *Macassar*. Os modernos dividem-na em tres grupos: *Australasia*, *Polinesia* e *Asia insular*. A descoberta da *Nova Hollanda*, segundo Mal-

(1) Vendem-se em Geba. São feitos d'um aro grosso e retorcido no centro, liso e adelgaçando para as extremidades, que sobrepõem, mas que são abertas, como as das argolas para chaves, posto que mais grosseiramente para podereis servir em todos os dedos.

(2) Damião de Góes Chron.

(1) Vide cap. VII.

(2) Vide *Quêdas maritimas*, no anterior volume do Panorama, e o *Thesouro tropico-marítimo*.

te-Brun e outros escriptores distinctos, foi feita pelos portuguezes, em 1525, ou ainda antes, sem mencionarem o nome do descobridor. Por esse mesmo tempo indo o piloto Gomes de Sequeira de Ternate para as Celebes, foi arrojada a sua fusta a um *mar largo e desconhecido*, onde descobriu uma ilha, a que deu o proprio nome; talvez a mesma que os castelhanos denominaram mais tarde: *ilha da Bella nação*.

Já porém, no anno de 1524, tinha ido pela terceira vez á India, como vice-rei, o almirante conde da Vidigueira, o intrepido D. Vasco dâ Gama; mas poucos mezes viveu n'aquelle theatro da sua gloria; a 25 de dezembro morreu em Cochim, e os seus ossos, que vieram para Portugal, não se perderam, felizmente, como os de tantos outros heroes! A esquadra que o acompanhou ao Oriente era numerosa; elle proprio commandava aquelle grande galeão *S. Catharina*, de que acima fallamos. Tres successores seus no governo da India o seguiam capitaneando outras tantas naus: D. Henrique de Menezes o Roxo, Pero Mascarenhas e Lopo Vaz de Sampaio, tres nomes que a historia registrou em caracteres indeleveis.

Em quanto Diogo Garcia, portuguez ao serviço de Castella, visitava o *Paraguay* e o *Paraná*, em 1527, Henrique Gomes Leme entrava na ilha de *Sunda*; e logo, em 1528, Belchior de Sousa Tavares, indo em auxilio do rei de Baçorá contra o de Gizaira, foi o primeiro portuguez que subiu o Tigre e o Euphrates. No mesmo anno partiu de Lisboa o grande Nuno da Cunha, como governador da India, e chefe de uma armada de dez naus e varios navios ligeiros, que devia combater a esquadra que os turcos preparavam em Suez. Nesta frota passou ao Oriente o seu futuro chronista Fernão Lopes de Castanheda. Nuno da Cunha abateu Diu, Chale e Baçaim, como Albuquerque castigára Gôa, Malaca e Ormuz; como elle morreu a bordo de uma nau; mas preferindo a sepultura das aguas ao regresso do seu cadaver á patria, poupou-nos á vergonha de vermos os ossos d'aquelle heroe esquecidos debaixo d'uma campa raze, como succede com os do immortal Albuquerque.

Por este tempo distinguia-se como capitão do mar da India o celebre Heytor da Silveira, e depois d'elle D. Jorge de Menezes, que se appellidou *Baroche*, pela tomada da cidade d'este nome em Cambaya (1547), sem mais forças portuguezas do que alguns navios.

Em 1537 começou a peregrinação de Fernão Mendes Pinto, que só acabou em 1559, e á qual devemos um formoso livro, em que elle mesmo relata os seus trabalhos. Por 1542 aportou elle ao *Japão*, para onde foram tambem arrojados por temporal Francisco Zeimoto, Antonio Peixoto, e Antonio da Motta; e depois ás ilhas *Leguias*, ao nordeste da *Formosa*. Lourenço Marques descobriu a bahia e rios que tomaram o seu nome, na costa oriental de Africa (1544-1545). Ao anno de 1546 e seguintes se referem as façanhas de Pero Gallego, mancebo de Vianã do Minho, contra mouros e castelhanos. (1) Em 1550 encontrâmos na esteira da India um capitão Fernão Peres d'Andrade, filho do descobridor da China; e entre os pilotos da epocha cita-se com grande nomeada um João Rebello de Lima. Foi n'esse anno que Ignacio Nunes Gato, com cinco navios, caiu em poder de 24 galés argelinas, depois de renhido combate, no porto de Belez.

Agora, para completar o quadro, a grandes traços, d'esta epocha, vamos delinear as figuras dos navegadores que devem apparecer na primeira luz, e cujos

nomes se ligam com as principaes façanhas e progressos nauticos e geographicos do tempo.

MARTIM AFFONSO DE SOUSA, E PERO LOPES DE SOUSA.

Irmãos pelo sangue e pelas nobres qualidades, estudaram com igual aproveitamento a astronomia, e ambos se tornaram celebres no mar. Já o segundo havia adquirido bastante pratica da navegação nas armadas de guarda-costa contra os corsarios, quando acompanhou o primeiro ao Brazil, na viagem de exploração e colonisação que, em 1530, partiu para aquelle paiz. Martim Affonso foi nomeado commandante de mar e terra, com cinco navios ás suas ordens, e Pero Lopes embarcado na capitanea, escreveu o *Diario da navegação* d'essa armada, que o sr. Varnhagen publicou em 1839. Tendo aprizionado tres naus francezas no cabo de S. Agostinho, entraram em Pernambuco, d'onde partiu Diogo Leite com duas caravelas a explorar o rio do Maranhão. O restante da armada seguiu para a Bahia de todos os Santos, e d'ahi para o Rio de Janeiro, d'onde o capitão-mór foi naufragar na entrada do rio da Prata. Pero Lopes foi encarregado de explorar este rio, e pôr os competentes padrões, passando n'esta diligencia inclemencias e trabalhos, que soffreu com valor e escreveu com certa poesia, (1) vindo tambem a naufragar em uma ilha, ao pé do cabo de S. Maria. D'ali seguiu a frota para o porto de S. Vicente, onde se estabeleceu a primeira colonia de portuguezes no Novo mundo. O piloto-mór d'esta frota era Vicente Lourenço, que depois foi capitão da nau *Grifo* na carreira da India. Como se vê, já então os pilotos passavam a capitães: o systema antigo, tão defeituoso, ia vagarosamente transformando-se no moderno, muito mais razoavel, de officiaes destinados exclusivamente ao serviço de mar. Pero Lopes partiu para a Europa, com a gente inutil na colonia, e tendo novos combates com corsarios francezes, de que nunca estes se saíram bem (diz Gabriel Soares) chegou a Portugal, já no anno de 1533. Parece que em 1535 estivera em Tunes, na expedição commandada por Antonio de Saldanha, e em 1539, foi á India por capitão-mór de uma armada de seis naus, porém na volta perdeu-se em Madagascar, e não houve mais noticia do seu corpo. Quanto a Martim Affonso, que regressou a Lisboa em 1533, foi logo no seguinte anno despachado capitão-mór do mar da India, e n'esse exercicio, commandando 40 navios, destruiu a fortaleza de Damão, depois ergueu outra em Diu, destruiu Repelim, assolou o litoral sujeitô ao Camorim, destroçou-lhe a esquadra, acudiu a Ceylão, venceu em Bedeala, captivou muitos piratas, e tornou a Lisboa, coberto de gloria. Em 1541, ainda voltou á India, nomeado governador d'aquelle estado; acompanhava-o o verdadeiro missionario S. Francisco Xavier, que foi morrer ás portas da China em 1552. Martim Affonso, á testa de uma poderosa armada, arrasa Batecalá, e depois de successos menos prosperos, entrega o governo a D. João de Castro, em 1545, e recolhe-se á Europa, onde no remanso da paz escreveu a sua vida; falleceu a 21 de julho de 1564, e foi sepultado no convento de S. Francisco da cidade.

DIOGO BOTELHO PEREIRA.

A empreza atrevida d'este navegador portuguez, que veio de Baçaim a Lisboa em uma fusta, é das

(1) Anno historico. Tom. I.

(1) Vide o mencionado *Diario*, e a *Noticia* do auctor, escripta pelo sr. Varnhagen.

maiores ousadias que os fastos marítimos têm registado. Nascido na Índia, de paes europeus, o nosso Diogo Botelho veio á corte a requerer o governo de Chaul; porém, menos cortezão do que habil guerreiro e navegador, soffreu longa prisão no castello de Lisboa, por influencia de D. Antonio de Noronha, escrivão da puridade, e só alcançou sair da masmorra para embarcar na armada do conde almirante, debaixo da expressa condição de não voltar a Portugal sem ordem d'el-rei. Botelho fallára imprudentemente em mudar de reino, e o exemplo de Fernão de Magalhães ainda estava muito fresco na memoria de todos, accrescendo que não era elle inferior em conhecimentos nauticos e estudos geographicos áquelle illustre portuense. Valente batalhador e piloto exercitado, o emprehendedor indo-luso emendava os erros dos antigos mappas nas suas novas cartas marítimas, sem que esta occupação o desviasse do uso das armas. Chegando a Góá, o seu fito era alcançar occasião de poder tornar a Portugal, porém de um modo tão extraordinario, que demonstrasse claramente a sua fidelidade a el-rei. Obtendo licença do governador Nuno da Cunha para armar uma fusta (1) em que servisse o estado, succedeu logo consentir o sultão Badur na edificação de uma fortaleza em Diu, e como essa noticia devia ser muito agradável a el-rei, resolveu Botelho ser elle proprio o portador da nova. Fez-se á vela na sua fusta, em um dos primeiros dias de novembro de 1535, com tres creados, o mestre, um Manuel Moreno, e outro escravos marinheiros; quarenta quintaes de cravo por carga, e os mantimentos e aguada que pôde accomodar em tão pequena embarcação; tomou Melinde para se refazer de agua e comer, e só então revelou ao mestre e aos outros portuguezes o objecto da sua viagem. Antes de dobrar o cabo da Boa Esperança, soffreu algumas borrascas, e levantaram-se os escravos, tentando matar os christãos, de que resultou um violento combate, entre aquellas quatro taboas, no meio do oceano! Dous escravos e um portuguez morreram de feridas, outros tres escravos acabaram afogados no mar, o capitão e o mestre ficaram muito feridos. Os tres escravos restantes foram perdoados, porque faziam falta para a manobra. Não podendo tomar a ilha de S. Helena, só no Fayal pôde receber agua e mantimentos, e veio ancorar a Lisboa no dia 21 de maio de 1536. El-rei perdoou-lhe com difficuldade, porém a sua fusta foi por muito tempo o objecto da admiração de nacionaes e estrangeiros.

D. JOÃO DE CASTRO.

Versado nos estudos mathematicos como Diogo Botelho, como elle guerreiro e navegador, e mais que tudo isso probo e desinteressado, D. João de Castro recorda esses vultos severos da republica romana. As suas primeiras provas d'armas fel-as om Tanger, durante nove annos; depois acompanhou o seu amigo, e amigo das cousas de mar, o infante D. Luiz, na expedição de Tunes, commandando um navio de guerra. N'essa gloriosa empreza se acharam muitas embarcações portuguezas, e entre ellas o celebre galeão *S. João* — *Bota-fogo*, que, dizem varios auctores, jogava 366 peças de artilharia! Em 1538 partiu D. João de Castro para a Índia, capitaneando a nau *Grifo*, em companhia do vice-rei D. Garcia de

Noronha, que já havia sido capitão-mór d'aquelle mar. Parece que D. João levava n'esta viagem alguns novos instrumentos nauticos, que tentava ensaiar na pratica. Depois de varios feitos no Oriente, acompañou o governador D. Estevão da Gama, que se dirigia a Suez com uma poderosa armada, em procura da esquadra turca; e capitaneando um galeão, tratou de sondar, examinar e arrumar os portos, enseadas, rios, costas e logares do mar Vermelho, com uma exactidão e miudeza, que faz ainda hoje muito estimado o seu *Roteiro* (1).

Voltando a Portugal foi nomeado, em dezembro de 1542, capitão-mór da armada de guarda-costa do reino: e no alvará da sua nomeação, providenciando el-rei sobre varios objectos, se acham estabelecidos alguns principios de direito marítimo, que ainda hoje servem de base ás formalidades que legalisam as prezas, bem como um regimento de signaes para de noute, talvez o primeiro que se usou no mar. D. João saíu a cruzar com a sua armada, no mesmo anno, e no seguinte, deu comboio ás naus de tornaviagem da Índia, aprezando além d'isso alguns corsarios de varias nações. Ainda no anno de 1544 continuou n'este serviço, e el-rei o consultou, por carta regia de 8 de julho, sobre o systema que cumpria seguir para defender as costas do reino, ameaçadas de piratas francezes. Em 1545 foi governar a Índia, embarcando na nau *S. Thomé*, capitanea de seis, que transportavam dous mil soldados. Ahi dirigiu e commandou a famosa expedição de Diu, e tendo sido elevado á dignidade de vice-rei, morreu em Góá, a 6 de junho de 1548, d'onde o seu corpo voltou ao reino, e jaz em S. Domingos de Bemfica. Quantos heroes mortos n'aquella tão desejada Índia! Affonso de Albuquerque, D. Vasco da Gama, D. Lourenço d'Almeida, D. Garcia de Noronha, D. Joao de Castro e seu filho D. Fernando... Para que? Para d'ahi a pouco acabar a nossa preponderancia no Oriente!... E tantos naufragios, tantas mortes de homens illustres, nas aguas do mar, no incendio das naus, nas praias inhospitas onde os lançou a procella, nos sertões que atravessaram em busca da salvação; um nome tão glorioso em ambos os oceanos, desde o equador até aos polos, n'um e n'outro hemispherio... E hoje nada, nada! Apenas sulca essas vagas algum barco isolado, desfraldando ao vento do infortunio as quinas de Portugal, escarnecidas por aquelles que mais deveram respeitá-las, por aquelles a quem guiamos na senda do Oriente e da circumnavegação!!...

F. M. BORDALO.

DESCRIPÇÃO E RECORDAÇÕES HISTÓRICAS DO PAÇO E QUINTA DE QUELUZ.

Tendo passado, como notei, por sentença, e não do modo que diz um auctor coevo, (2) para o infante D. Pedro a casa do infantado, ampliada com muitas doações feitas no ultimo reinado, (3) concebeu

(1) Impresso em Paris — 1833

(2) O padre Antonio Pereira de Figueiredo, tão attento investigador d'antiquidades, e tão acri cedor de erros em pontos de historia, diz nos seus *Elogios dos Reis de Portugal*, «que a el-rei D. Pedro III, coube depois da morte dos infantes seus tios D. Francisco, D. Antonio, e D. Manuel a casa do infantado,» não advertindo aquelle padre, que tanto se communicou com aquelles principes, que os dous ultimos infantes de que falla morreram annos depois que o sobrinho entrou de posse de Queluz.

(3) Entre outras doações, fez el-rei D. João V mercê de todos os bens da casa dos condes da Feira, das quintas da Murtreira e

(1) O vice-almirante Quintella, a quem seguimos n'esta narração, duvida, e nós com elle, das dimensões que Castanheda dá á fusta de Botelho: 22 palmos de quilba, 12 de boca, e 6 de pontal; é demasiadamente pouco.

aquelle principe o projecto de transformar n'um edificio proporcionado á sua alta condição, e ás suas commodidades, a casa de campo primitiva do marquez de Castello-Rodrigo, onde até ali não houvera grande mudança, e que se reduzia a poucos e pequenos quartos, que tomavam o vão que occupa o *jardim do enbrechado*, e o chão fronteiro ao *pomar velho*, de que aquella fôra annexa, e terminavam no *corredor das abobadas*, contiguo á *sala das talhas*. Não se começando a fazer esta grande metamorphose senão depois do anno de 1755, em que um terrivel fenomeno, que arrason Lisboa em menos tempo do que o narro, marcou entremós uma nova era, que separou arrebatadamente Portugal *velho do moço*, abrindo ao mesmo passo a porta ás sciencias, e ás boas-artes, descaídas e quasi perdidas n'este reino, coincidiu o abrimento dos alicerces do paço que o infante D. Pedro, quasi nos limites dos dous reinados mais ferteis de obras, e na intrancia de um produtor de grandes reformas, verdadeiramente fundou em Queluz (1) com o principio da vasta empreza da reedificação e amplificação d'esta capital debaixo das vistas do famoso ministro, que *não pode ser esquecido, nem deve ser louvado sem tento*, (2) que no dia do grande terremoto conquistou o predominio que, sem privança, teve em el-rei D. José, e boa parte da fama e do prestigio que ainda hoje tem, dentro e fóra da nossa terra, o seu nome pela admiravel presença de espirito, e pela força energica, com que então superintendeu e proveu a tudo. (3) O grande segredo dos grandes homens de estado da tempera velha consistia em aproveitar as occasiões, que circumstancias extraordinarias e accidentaes lhes offereciam, ao entrarem na posse dos empregos, para impressionarem os animos por meio de alguma proeza. Os pequenos estadistas de agora armam acintemente trovoadas para, nas trevas de suas politicas, ferirem com a fulminante claridade de seus raios, os olhos que não podem cegar com esplendores de seus feitos.

Dous artistas, um nacional, outro estrangeiro, Matheus Vicente de Oliveira, natural de Barcarena, mestre de obras da antiga escola de Mafra, e alumno da *casa do risco*, onde estudou a geometria pratica, e o desenho das cinco ordens, e que, depois de ser nomeado architecto da casa do infantado, e do senado da camara de Lisboa, fez a planta da basilica do Coração de Jesus, e João Baptista Robillon, architecto e escultor francez, foram successivamente encarregados das construcções do novo paço, cuja inspecção foi dada a Mathias Antonio de Carvalho, guarda-roupa mui estimado do infante: Ignacio de Oliveira Bernardes, architecto civil, que fez desenhos para par-

te da igreja de S. Francisco de Paula, e para a casa de campo de Gerardo Devisme (hoje paço da sr.^a infanta D. Isabel Maria) em Bemfica, e que na collecção de memorias de Cyrillo Volkmar e Machado, vem mencionado como um dos tracistas do paço de Queluz, foi unicamente incumbido da planta e dos ornatos do theatro que ali se edificou, logo á entrada do largo, no mesmo local em que, no anno de 1788, se fez, ás custas da corôa, e da casa do infantado, por igual, o corpo de edificio onde morou a rainha D. Maria I, e no qual trabalharam, como mestre pedreiro, Antonio João, como mestre canteiro Francisco Antonio, e, como mestre carpinteiro, Bernardino de Sena, todos tres mui habéis nos seus officios, debaixo da direcção de Matheus Vicente de Oliveira. Reservando para outro lugar a noticia que conto dar das peças de musica, e dos compositores e cantores, que, desde a abertura d'aquelle theatro em 17 de dezembro de 1778 (primeiro anniversario do nascimento d'aquella soberana que se festejou depois da sua exaltação ao throno) até á ultima opera ali recitada em 5 de julho de 1782, brilharam na referida sala, só accrescentarei aqui que a pintura d'ella foi feita por um artista chamado João Chrysostomo, cujo appellido não pude descobrir, e a sua douradura pelo mestre Jeronymo Gomes, sendo machinista Petronio Mazzoni, e director do vestuario Paulo Sollenghi, que tinham os mesmos empregos nos reaes theatros da Ajuda e de Salvaterra.

Começou a obra do paço de Queluz (então committida de todo a Matheus Vicente de Oliveira, em cujo projecto não entrava o *jardim pensil*, que tanto fermosea as salas d'onde se sae para elle) por prefazer o torreão principiado a levantar no tempo do infante D. Francisco para a parte do poente, e a que, segundo a nova planta, devia corresponder outro no mesmo lugar onde depois, por motivo das alterações que n'ella se fizeram, se construiu o corpo saliente do edificio que habitou a princeza D. Maria Francisca Benedicta; devendo correr entre os dous torreões o lanço de casas com frente para o largo e para a quinta. Debaixo d'esta delineação continuou a obra que comprehende os tres lados da area em que está a arcada que dá entrada para a sala dos archeiros, e a parte do edificio que fica defronte das cozinhas, abraçando fóra d'aquelle espaço, e para a parte do nascente, a capella e a enfiada de casas terreas que vae entestar com a especie de palacete, de que já fallei, onde morou a rainha D. Maria I, depois de viuva.

Desagradando ao infante, que já então era casado com aquella princeza, e a el-rei D. José, que tinha voto em materia de bellas-artes, a apparencia e a disposição interna do lanço de casas que caía sobre a quinta, não lhes sendo menos ingrata a circumstancia de não estar o pavimento ao nivel d'ella, foi João Baptista Robillon, sob cuja direcção os nossos bons escultores Manuel Alves, e Silvestre de Faria Lobo, tinham em 1758 fabricado as duas estatuas equestres allegoricas da Fama, que sobre pilastões estão á entrada do parque, (1) encarregado de remediar aquelles inconvenientes. Os conhecimentos praticos que elle, além dos especulativos que possuia na sua profissão, tinha adquirido no seu paiz e na Italia, vendo com olhos de artista as obras mais primas d'este genero, despertaram-lhe a lembrança do *jardim pensil* que, por obviar algumas d'aquellas incongruencias,

do Alfeite, da terra das Marnotas, e dos paços da Bemposta e de Samora Correia, ao infante D. Francisco, que adquiriu o paço de Salvaterra de Magos por uma transacção que fez com o primeiro marquez de Tancos.

1. Em um caderno, contendo varios apontamentos, que achei no cartorio do almoxarifado de Queluz, vi que já em maio de 1758 trabalhavam nas obras d'aquelle paço canteiros, cabouqueiros e pedreiros.

2. Vir *Mithridates* nec silendus, nec dicendus, sine curâ. — Vell. Paterculus.

3. Sebastião José de Carvalho e Mello, depois conde de Oeiras e marquez de Pombal, d'antes enviado na corte de Londres, e que, pouco depois da morte d'el-rei D. João V, em 1750, succedeu a Marco Antonio de Azevedo Coutinho no cargo de secretario de estado dos negocios estrangeiros e da guerra, levando ao despacho a pasta dos negocios do reino nos ultimos annos de Pedro da Motta e Silva, foi quem, por esta circumstancia, deu as decantadas providencias a que alludo, muitas das quaes foram por elle ditadas, no mesmo dia do terramoto, ao official da secretaria de estado dos negocios estrangeiros e da guerra Joaquim Manuel Correia Garção, que eu ainda conheci.

(1) João Teixeira Pinto, que trabalhou muitas obras de escultura para a casa real, fez algumas cousas no paço de Queluz.

levantou, logo no anno de 1762, ao longo da fachada do edificio, e d'onde veiu a este extenso passeio em socalecos o nome menos poetico de *jardim das abobadas*. Cingindo-o depois com uma airosa e magnifica balaustrada, e collocando no centro d'elle um soberbo tanque ornado de um bello grupo de figuras lançando espadanas de agua que se cruzam, como as dos deliciosos jardins de Versalhes, Santo Ildefonso, e Marly, deu tambem o mesmo artista, pelo gosto d'elles, para o de Queluz, um lindo desenho de plantação, mui bem executado pelo jardineiro Luiz Simões, em quadras, divididas em arcolas de flores, cercadas de buxo, em cujos angulos se plantaram pequenos cedros dos quaes, com o decurso dos annos, se fizeram pyramides e figuras de bom lavor, que já não existem. No restante da quinta, povoado, á imitação das villas romanas, de primorosas estatuas, e de frondosas arvores silvestres e fructíferas, encanouse o rio que a corta na sua maior largura; fez-se o horto botanico, rico de raridades vegetaes do novo e do velho mundo: fabricou-se engenhosamente a primeira cascata artificial que se viu nos arredores de Lisboa, saíndo toda a agua que d'ella se despeinha de uma carranca de pedra que está no frontispicio; dispoz-se o amplo taboleiro do jogo da bola, abrigado por arvores copadissimas, onde el-rei D. José contendia com os melhores jogadores sobre quem havia mostrar mais habilidade e mais forças; e, finalmente, construiu-se a grande portada que da banda da alameda dá ingresso para a quinta. Praticou-se tudo isto conforme as normas dadas por João Baptista Robillon, que, superado o passo mais difficil, que era a feitura do jardim, deu confiadamente principio á obra que havia a fazer nas diversas partes do edificio fronteiras a elle.

Começando pelo torreão, onde apenas estavam findas as obras do quarto baixo e da escada por onde se sobe para o pavimento a cuja altura se tinha elevado o jardim, fez aquelle artista, no plano superior, o aposento do infante D. Pedro, e da princeza sua augusta esposa, constando de poucas, mas bonitas, peças, sendo as melhores a chamada *de D. Quixote*, por estarem nas paredes d'ella pintadas a fresco varias scenas do romance de Cervantes, e a sala do conselho de estado, que no tempo d'el-rei D. João VI foi encurtada para se fazer um corredor. Comprehen-de aquelle quarto um oratorio particular, onde estão depositados varios presentes mandados por diversos papas áquelle soberano, e na pequena recamara contigua a elle era o gabinete em que se faziam as conferencias com os ministros.

Concluido o torreão, passou o mesmo architecto a apparellhar as casas que se seguem em correnteza. Foi a primeira a *sala das talhas*, assim chamada pelos preciosos vasos de diversas dimensões de louça do Japão, que a adornam e se multiplicam nos magnificos espelhos de que as suas paredes e portas se acham vestidas; vendo-se nos topos columnas de marmore sustentando docéis da mesma pedra, e no tecto uma pintura (que, por mais diligencia que fiz, não pude saber por quem foi feita) representando um *serenim*, como se appellidavam as serenatas em que cantavam as pessoas reaes, onde figuram el-rei D. José, que é só quem está assentado, e junto d'elle, tocando cravo, o celebre mestre de musica David Peres, a, então princeza e depois rainha D. Maria I, bem como a infanta depois princeza D. Maria Francisca Benedicta, e as infantas D. Marianna Josefa e D. Maria Dorothea em acção de cantarem, e tendo nas mãos papeis de musica, o infante D. Pedro, coroado de lou-

ro, batendo o compasso, D. Lucas Jovini, mestre de musica da rainha D. Marianna Victoria, encostado a uma columna, e varios musicos da camara em torno. Depois d'esta bella e rica sala, onde se davam os beijamões e as audiencias sollemnes aos ministros estrangeiros, fizeram-se as duas que se seguem, na ultima das quaes, ao lado da *sala da tocha*, proxima á *sala dos archeiros*, se poz um jogo de bilhar. Depois d'esta sala prolongou-se por necessidade, um longo e largo corredor que dá serventia para o corpo saliente em que devia fazer-se o segundo torreão, e, pela casa então chamada *escura*, e hoje do *lunternim*, pela claraboia que ali se abriu durante a invasão dos francezes, para a capella, e para as duas grandes e, em tudo, magnificas salas, ornadas de bellissimos espelhos, e obra de talha feita pelo insigne entalhador Silvestre de Faria, onde, no tempo do infante D. Pedro, se fizeram serenatas, e depois deu beijamão a rainha D. Carlota Joaquina, e as princezas e infantas, até ao anno de 1806; passando mais tarde a ultima d'aquellas salas a ser transformada em theatro no tempo em que governou o sr. D. Miguel, e, dous annos depois, a converter-se em capella funerea onde se celebrou a missa e officio de corpo presente no dia do enterro do imperador D. Pedro I, regente durante a menoridade da rainha D. Maria II. Não ha theatro que presente tantas e tamanhas mudancas de scenas como as residencias dos principes. Na famosa galeria de Fontainebleau, onde Francisco I recebeu com dór o ultimo adeus do expirante Leonardo de Vinci, e Christina de Suecia espreitou com rancorosa satisfação os derradeiros momentos de Monaldeschi, assignou Napoleão a concordata que ali forçou Pio VII a subscrever, e a abdicção, que a derrota de Waterloo o obrigou a fazer, do throno imperial de França, em favor de um filho que não foi seu herdeiro.

MARQUEZ DE REZENDE.

O AVARENTO E O PORCO.

Quanto ao outro simil do porco, certo é que mais aproveita morto do que vivo; pois não da lá, nem o seu leite presta.

Assim tambem o avarento não serve senão de ajuntar e guardar, o que outros hão de comer-lhe depois de morto. Bem disse S. Ambrosio: Ordinariamente o que ajuntou o avarento com summo disvello, derrama o perdulario herdeiro com precipitados desembolsos.

S. Asterio, bispo, descrevendo a condição do avarento, diz que para os parentes é odioso, para os servos pezado, para os amigos inutil, para os estranhos difficil e inacessivel, para os vizinhos molesto, para sua propria mulher, mau companheiro, na educação de seus filhos misero e cainho, no trato de si proprio cruel e escaco, e todo o dia, e toda a noite sollicito e pensativo. Morrendo pois o avarento, todas estas oppressões cessam; porque uns entram na herança, a outros se pagam os salarios, os acredores arrecadam, os devedores respiram, a mulher esconde o que pode, e os servos o que não podiam; o coveiro tem tambem o seu gancho, e os da parochia a sua offerta; e até o cadaver mais em paz fica com os bichos da sepultura, do que estava com a alma sua inquietina. Finalmente um avarento não faz cousa mais acertada em toda a sua vida, do que saír-se d'ella. Logo por esta parte bem se parece com o porco.

BERNARDES. NOVA FLORESTA, I.



COLLEGIADA DE SAR — VISTA EXTERIOR.

No numero anterior demos a vista interior do claustro da collegiada de Sar, em Galliza. A gravura do presente numero representa o exterior do monumento.

Assente sobre as ferteis margens do Sar, cercado de risonha paizagem, o edificio da antiga collegiada contrasta singularmente, pela singeleza de architectura, e pobreza de seus materiaes, com o territorio circumvisinho.

E de certo quem o não visitar com minuciosidade não comprehende como tão humilde fabrica possa ser um dos mais respeitaveis monumentos religiosos da Galliza.

Em logar competente expozemos as razões em que se funda similhante opinião.

CONSEQUENCIAS DO JOGO.

Sendo tão frequente e ordinaria no jogo a perda do dinheiro e fazenda, isto é o menos que n'elle se perde, porque são muito mais preciosas e para sentir as outras perdas, ou perdições, em que a cegueira da cobiça não repara. Perde-se a auctoridade, porque se diz que a meza do jogo a todos iguala, com tanto que tenham que perder, o que é contra todas as leis da decencia e honra. Perde-se o tempo, que, como discorre Seneca, é o maior thesouro que a natureza fiou dos homens. Perde-se a amizade, porque quando jogaes com o vosso amigo, a vossa tenção é que o que é seu seja vosso, e a sua, que o que é vosso seja seu. Perde-se a piedade, porque pela impaciencia, raiva, inveja e mofina do que o jogo não favorece, saem da sua bôca juramentos e execrações contra o céu. Perde-se a mesma liberdade, como se escreve dos antigos germanos, que depois de vendido quanto tinham, a jogavam, ficando perpetuamente captivos. Perde-se a religião, porque o taful que não tem que jogar, nem que furtar no profano, se arrojará facilmente ao sagrado, e a despir os altares, como fizeram em figura os algozes, que crucificaram a Christo, e depois de o pregarem despido na cruz lhe jogaram as vestiduras. Finalmente perdem-se ou acabam de se perder as quasi perdidas almas, como muitos, por não ter que jogar e perder, se entrega-

ram ao demonio; e outros por extrema desesperação se mataram a si mesmos, ou quizeram matar.

VIEIRA — SERMÕES, VIII.

BIBLIOGRAPHIA.

LAGRIMAS E FLORES, POESIAS. 1 VOL. 8.º PORTO, 1854.

Acaba de publicar-se no Porto um livro de poesias, intitulado «Lgrimas e Flores.» É a estrêa de um poeta novo em annos, e novissimo no culto das musas; porém os poetas mais laureados não deixariam de honrar-se, sem duvida, chamando seu a este primeiro cantô do cysne novel.

Choram-se n'aquelle livro lagrimas tão sentidas, lagrimas que partem de uma saudade tão viva e pungente, que se affigura a quem lê sentil-as caír uma a uma sobre o coração. Mas soube o poeta misturar na sua dor tanta resignação e doçura, que o coração do leitor, em vez de se apertar ao recebê-las, expande-se suavemente.

As flores que ali se espargem com abundancia, são pensamentos repassados de philosophia, idéas cheias de sentimento, phrases de ingenua eloquencia, vocabulos de apurada escolita.

Finalmente n'aquelles versos tão lindos e conceituosos, em que brilham mil imagens não triviaes, e em que avultam quadros copiados da natureza com exactidão e simplicidade, e com tão fresco e vivo colorido, vêem ainda dar realce a pureza da dicção e a correção do estylo.

O auctor d'esta excellente producção, que enriqueceu o Parnaso lusitano, é o sr. Joaquim Pinto Ribeiro Junior, natural do Porto.

A nitidez da edição faz honra á typographia do sr. Sebastião José Pereira, cujos disvelos pela sua arte são attestados pelos continuos progressos d'este estabelecimento, que tambem por seu turno honra a segunda capital do reino. A obra de que tratamos pode apparecer sem que nos envergonhe, em qualquer paiz, onde a arte typographica esteja mais aperfeiçoada.